

---

# T OCA DE ASSIS EM CRISE: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS QUE PERMANECERAM NA COMUNIDADE<sup>1</sup>

*Katia Maria Cabral Medeiros*  
Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil

*Cecília Loreto Mariz*  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil

Por seu estilo franciscano radical, um grupo de jovens tem se destacado desde o final dos anos 1990 no mundo católico brasileiro e na paisagem urbana de algumas grandes cidades. Vestidos com batinas de tecidos rústicos, rapazes com o cabelo cortado em tonsura<sup>2</sup>, moças de véus, alguns com pés descalços, cuidam de moradores de rua. A população em geral e a mídia se perguntavam sobre a origem e dimensão desse grupo. Conhecidos como “toqueiros”<sup>3</sup>, esses jovens não eram de nenhuma congregação ou ordem religiosa oficial da Igreja católica, mas pertenciam a um grupo criado em 1994, a Fraternidade Toca de Assis<sup>4</sup>, surgido no mesmo período que as primeiras das Comunidades de Vida e Aliança no bojo do movimento de Renovação Carismática Católica (RCC) no Brasil. Ainda que os membros dessa Fraternidade, em suas entrevistas, procurem dissociar sua origem da RCC e não se considerem uma “nova comunidade”, não há como compreendê-la histórica e sociologicamente sem referência à RCC e à dinâmica das Novas Comunidades Católicas. Quando funda a Toca, Pe. Roberto Lettieri, então seminarista em Campinas/SP, participava de grupos da RCC e continuou, mesmo depois da fundação da Toca de Assis, a ter uma participação ativa, principalmente através de pregação de retiros e palestras (Carranza 2000; Mariz & Lopes 2009; Portella 2009a).

Desde aquela primeira referência ao grupo no livro de Brenda Carranza (2000), a Toca tem motivado vários estudos devido a seu ritmo de crescimento e suas características específicas. Sua prática religiosa marcada pela estética medieval, muito emocional e performática, conjugada a uma ascese extrema e ênfase em sofrimento corporal foram tematizados por vários autores (Portella 2009a, 2009b, 2012; Lopes 2006; Mariz 2006; Mariz & Lopes 2009; Pinto 2012). Também sua capacidade de mobilizar os jovens intrigava as ordens religiosas tradicionais, que sofriam falta de vocações, e inspirou pesquisas (Fernandes 2011). Por outro lado, a prática carinhosa junto aos mais excluídos, a vida na pobreza radical e a alegria de seus jovens comoviam muitos católicos, sendo a Toca vista com muito respeito e admiração.

As diversas pesquisas citadas eram unânimes em destacar a forte ligação dos toqueiros com seu líder e fundador Pe. Roberto. Por atrair seguidores e inspirar vocação e essa intensa vinculação emocional, ficava claro que o Pe. Roberto não tinha sua autoridade sustentada apenas pelo fato de ser sacerdote católico, mas por algo que Weber chamaria de carisma pessoal. Nesse sentido, como procuraremos mostrar adiante, Pe. Roberto se aproximava em alguns aspectos importantes do tipo ideal de “líder carismático” ou “profeta”, tal como definido por Weber (1991:303). O forte poder carismático do Pe. Roberto ficava evidente em visitas ao site e casas da Toca que, antes de sua saída, eram cheios de fotografias suas. Os jovens falavam dele com muita veneração e extremo zelo e muitos atribuíam a ele papel importante em sua decisão de ingressar no grupo, na escolha de seu nome religioso<sup>5</sup> e também em várias experiências de suas vidas (Mariz & Lopes 2009). Outra característica do movimento – que o aproximava mais de uma dinâmica carismática – era o fato de as regras e princípios organizacionais do grupo dependerem muito do líder. A Toca seguia orientações surgidas no “coração do fundador”, como foi declarado em pesquisas anteriores já citadas (Mariz & Lopes 2009:88), e, por isso, as regras eram propostas e revistas por ele, quando o julgasse necessário (embora, por vezes, algumas regras possam ter sido feitas ou revistas por conselho ou por obediência aos seus superiores da Igreja, pois não deixava de ser sacerdote católico e, nesse aspecto, se distinguia do tipo ideal de profeta). Dentre essas regras, chamou atenção a diversos pesquisadores a proibição de qualquer tipo de estudo formal que fosse teológico ou mesmo técnico, como de enfermagem (tal como apontado por Portella 2009a; entre outros). Essa rejeição ao estudo indicava que o Pe. Roberto adotava uma visão carismática também em relação às competências e autoridade em geral, incluindo questões pragmáticas e de saúde. O Espírito de Deus através de seus dons garantiria essa competência.

Nas primeiras décadas após sua fundação, em 1994, a Toca vinha crescendo rapidamente com forte apelo entre jovens, muitos provenientes de grupos de oração da RCC, que, tendo conhecido a Toca através da TV Canção Nova, sentiam-se atraídos por sua proposta de vivência radical da pobreza cristã ao estilo franciscano (Mariz & Lopes 2009). Como já assinalado, se declaravam mobilizados pelo carisma do líder e fundador do grupo, o Pe. Roberto, que conheciam posteriormente mais de perto ao participar de encontros e

retiros pregados por ele (o retiro chamado “Tocão” e outros encontros que ocorriam em Cachoeira Paulista na comunidade Canção Nova). Em 2007, segundo a *Folha Online*, havia 2 mil membros da Toca de Assis, dados também indicados por Portella (2008, 2009a) e Medeiros (2006). Por essa época foi registrado que cerca de cem jovens faziam, a cada ano, o primeiro compromisso. E o movimento possuía em torno de cem casas em várias partes do Brasil e uma fora do país (Portella 2009a; Medeiros 2006; Pinto 2012).

No entanto, a partir de 2009 pelos corredores da Igreja católica, percebia-se uma nebulosa pairando sobre a Fraternidade Toca de Assis. Poucos sabiam o que estava acontecendo. As notícias que chegavam, para além dos muros da Igreja, eram do afastamento do Pe. Roberto Lettieri. Não se sabia se esse afastamento seria provisório ou definitivo. Muitas versões circulavam. A primeira notícia era a de que o Pe. Roberto encontrava-se na Terra Santa para descansar de um esgotamento físico e psicológico. Outras notícias posteriores diziam que ele estava apenas vivenciando seu “ano sabático”<sup>6</sup>, sem mencionar o “esgotamento”. No entanto, apenas no outro ano, em julho de 2010, é divulgada a notícia oficial, quando D. Bruno Gamberini<sup>7</sup> envia por escrito um comunicado no qual afirma que Pe. Roberto se afastara da direção da Toca de Assis desde o início de 2009, que teria ido, a pedido, para o “eremitério franciscano Getsêmani”, onde permaneceu até maio de 2010 e que, naquele momento, se encontrava acompanhado pelo bispo. A repercussão dessa notícia nos jovens da Toca é bem descrita por Flávia Slompo Pinto (2012), que realizava pesquisa de campo em Campinas na época. A pesquisadora comenta conversas entre os membros, suas aflições, dúvidas e também registra debates online sobre o fato. Sílvia Fernandes (2011) comenta sobre a grande perda de membros pela Toca a partir de então.

O impacto do distanciamento do Pe. Roberto foi logo evidenciado em nosso retorno<sup>8</sup> a uma das casas da Toca de Assis no Rio de Janeiro, local dessa pesquisa, em 2010-2011. Fomos informadas da saída de muitos membros e do fechamento de várias casas: “um Deus nos acuda”, como declarou um dos nossos pesquisados. O guardião<sup>9</sup> dessa casa comenta que muita gente “entrou e saiu por causa do Padre”. Na sua avaliação, alguns possuíam motivos justos; outros, no entanto, “se aproveitaram da saída do Padre para sair e [...], vendo a saída de tantos, resolveram partir porque achavam que a Toca ia afundar”. Também muitos colaboradores, considerados como da “comunidade de aliança” (sobre a qual comentaremos adiante) deixaram de apoiar a Toca. O guardião entrevistado observou que “alguns [toqueiros] se utilizaram do padre para sair, pois nem concordavam com ele”. Pela primeira vez, explicitou-se que não havia um consenso em relação ao Pe. Roberto, ainda que ele fosse o fundador e o líder que, como já apontado, tinha forte carisma<sup>10</sup> e era aparentemente venerado por todos. A crise resultou então na queda da membresia. À época do fim da coleta de dados (2011), calculava-se que havia em torno de 500 membros em todo o Brasil: 230 irmãos e o restante, irmãs; esse número seria um quarto do que se declarava em 2007 (2 mil membros, como já citado antes). De acordo com as informações obtidas, muitas casas foram fechadas porque não havia pessoal suficiente para cuidar dos

assistidos, que tiveram que ser transferidos para outras casas. Os toqueiros que permaneceram ficaram sem ajuda e “com contas a pagar”, de acordo com o guardião da casa pesquisada. Ou seja, a saída do Pe. Roberto produziu uma crise de proporções significativas à Fraternidade Toca de Assis.

No entanto, a Toca não deixou de existir por estar passando por essa crise. Continuou recebendo grande apoio da hierarquia da Igreja católica e continuava a consagrar novos membros, como pudemos observar em nossa pesquisa de campo. Em dezembro de 2010, pudemos participar de uma Celebração Eucarística de consagração<sup>11</sup> de 23 toqueiros, presidida pelo Arcebispo local (D. Orani Tempesta) e concelebrada pelo pároco da paróquia onde fica a casa da Toca que pesquisamos<sup>12</sup>. A paróquia fica no mesmo quarteirão da casa, sendo o terreno da casa<sup>13</sup> propriedade da própria paróquia. Os novos consagrados eram provenientes de casas dos Estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e do Distrito Federal. A Igreja estava repleta e a celebração transcorreu dentro de uma missa dominical, com cantos acompanhados por violões, uma bateria e um grupo que fazia o coral, no qual se destacavam duas vozes, uma feminina e outra masculina. Além de cantos religiosos em português, escutamos também cantos em latim. Não houve nenhuma expressão carismática, tal como “repouso no Espírito”, já observada no passado em outros contextos da Toca. Estavam presentes os familiares e amigos dos novos consagrados, paroquianos, membros da Toca e o ministro geral da Fraternidade, Ir. Gabriel, que na época substituíra o Pe. Roberto Lettieri. Tanto o arcebispo quanto o pároco em suas falas demonstraram muito apreço aos religiosos da Toca e ao trabalho desenvolvido por eles.

Fato, entre outros, que indica que a Igreja católica avalia como importante o trabalho desenvolvido pela Toca e que, por isso, a hierarquia tem expressado grande interesse em apoiar os seus membros a continuar sua vocação e manter o movimento, criando uma estrutura composta por regras e normas que permitiriam decisões por conjunto de membros e novos líderes. Com isso se busca uma “rotinização do carisma”, tal como descrita por Weber (1991), que permitirá que o movimento sobreviva sem seu líder carismático. Em seus séculos de vida, essa Igreja tem visto surgir em seu interior líderes carismáticos (tanto sacerdotes quanto leigos) que reuniram em torno de si movimentos de reavivamento da fé cristã. Esses movimentos, pregando vivência radical da fé, criticavam, de forma implícita, mas também por vezes de forma explícita através de discursos, a prática religiosa hegemônica na instituição defendida pela liderança eclesial. Embora haja tensões entre líderes carismáticos e clero oficial, ou seja, entre os novos movimentos e grupos hegemônicos que marcaram a história de todas as igrejas, a Igreja católica tem se destacado por desenvolver práticas para evitar rupturas. Essa Igreja teria, segundo o sociólogo francês Jean Séguy (1999), sido capaz, na maior parte das vezes, de desenvolver estratégias que integraram à sua estrutura interna esses movimentos e seus projetos renovadores. Assim, ela tem conseguido superar confrontos que geraram rupturas, por exemplo, em igrejas protestantes que resultaram nas chamadas “seitas protestantes”.

Para Séguy (1999), seria uma estratégia de a Igreja valorizar o projeto proposto por esse líder, reconhecendo-o e consagrando-o como uma ordem ou movimentos especiais e, dessa forma, o integrar na instituição mais ampla, limitando o poder do líder que deve manter obediência àquela. De acordo com o autor (*idem*), as “novas comunidades carismáticas”, tal como as ordens e congregações religiosas tradicionais, seriam exemplos de movimentos que surgem como contestações implícitas da instituição, mas que a ela se integraram e são valorizados como *virtuosos* religiosos (no sentido weberiano). Dessa forma, podemos concluir que a existência institucionalizada dos *virtuosos* no mundo católico, ausente do protestantismo, poderia ser interpretada como uma forma da instituição enquadrar contestações recorrentes à hierarquia e à apatia e ao pouco fervor religioso hegemônico (Mariz 2013). O caso da sobrevivência da Toca de Assis, mesmo que bastante diminuída após o afastamento do Pe. Roberto, seria uma ilustração contemporânea da adoção por parte da Igreja católica de estratégias para integrar um “fogo carismático” sem o apagar, sem o expulsar e sem deixar “queimar” toda a instituição.

A proposta desse artigo é procurar identificar elementos presentes nesse processo no caso específico da Toca, e especialmente entender como esse pôde se tornar subjetivamente legítimo para os toqueiros remanescentes. Nosso objetivo será explicitar e analisar esses discursos que evidentemente foram construídos coletivamente pela instituição e por aqueles que continuam como toqueiros, vivendo nas casas da Toca mesmo na ausência do líder carismático. E ainda responder em que medida a sua fidelidade ao líder e também à Igreja católica teriam gerado “dissonâncias cognitivas” (no sentido definido por Festinger et al. [1956] 2008) se essas foram, ou não, resolvidas, e como? No caso da Toca, diferentemente do clássico estudo em psicologia social, de Festinger e colaboradores mencionado acima, não teria sido uma profecia que teria falhado, mas aparentemente o próprio profeta; ou por ter saído sem se despedir, ou por ter sido destituído de seu poder pela Igreja que ele mesmo defendia.

Em sua revisão de uma ampla bibliografia sobre grupos religiosos que sobrevivem a fracassos de profecias, em torno da qual se reuniam, Lorne Dawson (1999), adotando uma postura mais sociológica do que a clássica da psicologia social<sup>14</sup>, lista um conjunto de estratégias subjetivas (adoção de determinadas crenças ou discursos) que ajudaria na sobrevivência desses grupos. Mas afirma que essa sobrevivência dependerá também de determinados elementos organizacionais que permitiriam a continuidade do movimento. Observamos aqui que a Igreja católica é capaz de oferecer quase todos os elementos organizacionais apontados pelo autor, tais como forte liderança, coesão grupal além de rituais consolidados. Destacamos ainda, a seguir, outra estratégia institucional, adotada especialmente no caso de líderes opositores e carismáticos que também são sacerdotes, ou seja, representantes da instituição (como o estudado): a prática do silêncio e segredo.

Essa estratégia frequentemente adotada pela Igreja católica, também em outros tipos de problemas internos, aparentemente dificultaria a pesquisa: como agir diante da

negação de informação? No caso da Toca, o que aconteceu ou acontece de fato com Pe. Roberto permanece uma questão nebulosa, fortemente silenciada, com informações incompletas, contraditórias, boatos seriam apenas o que podemos escutar. Mas isso não afeta nossa pesquisa, pois esse não é a nossa questão. Aqui nos perguntamos: em que medida seria o discurso oficial da Igreja propositadamente vago e incompleto para evitar conflitos abertos mantendo o caso em “banho-maria”, como destacam Berger & Luckmann (2005)?

O mistério e o silêncio por parte da Igreja em torno de problemas de seu clero tem sido uma atitude atualmente muito criticada. Essa é uma estratégia recentemente muito rejeitada pela mídia, sociedade civil e o Estado e organismos internacionais, especialmente quando a Igreja a adota diante das várias denúncias de crimes cometidos por sacerdotes processados por pedofilia. Em contextos democráticos, onde se valoriza a transparência por parte de agências de poder, essa atitude é entendida como forma ilegítima de dominar. Com efeito, o poder de uma instituição pode ser afetado pelo desempenho de seu corpo de profissionais (no caso sacerdotes). Mas, juridicamente, ao esconder crimes de seus funcionários, o clero, a instituição ou hierarquia legalmente torna-se coautora. Apesar de todos os problemas que o silêncio, mistério e segredo acarretam, esses incomodam relativamente menos pessoas religiosas, especialmente as que optam por práticas místicas no sentido weberiano do termo (Weber 2010). O mistério e o inexplicável são elementos centrais em toda fé, já que ter fé implica aceitar a impossibilidade de saber e explicar racionalmente setores da realidade. No universo religioso, se lida relativamente bem com a ideia de falta de informação e segredo. Já o mundo da ciência é o mundo que nega a impossibilidade de saber e o imperativo é buscar a informação negada e testar sua realidade. Também, como já foi dito, a ideologia democrática hegemônica na esfera da política contemporânea rejeita segredos considerando-o injusto e antidemocrático, especialmente se usado para dominar. Ao tematizar o segredo, nosso objetivo não é discutir a legitimidade ou não do segredo de um modo geral, mas sim mostrar a importância dessa estratégia no caso estudado.

A política do silêncio foi adotada também entre os toqueiros pesquisados: o guardião solicitou explicitamente que nada se perguntasse aos toqueiros, que seriam entrevistados, sobre o Pe. Roberto. Observamos o mesmo quando tentamos contato com egressos da Toca que se negaram a falar sobre a Toca em geral, sobre suas saídas e a retirada do Pe. Roberto. Esse silêncio diante do pesquisador foi uma novidade a partir da pesquisa de 2010, não tendo sido observada postura semelhante nos anos de 2003 e 2004. Nessas primeiras idas a campo, os toqueiros não rejeitavam dar entrevistas e falavam com muita espontaneidade diante do gravador, também se deixando fotografar com muita simpatia sem qualquer atitude defensiva ou de suspeita sobre um possível mau uso desses dados. No entanto, em 2006, já começa a surgir uma atitude de suspeita, devido, em parte, a informações vinculadas pela imprensa sobre a Toca (Medeiros 2006).

É interessante lembrar que Lorne Dawson (1999), no estudo já citado, comenta que responder a dilemas que ameaçam ou questionam um dogma ou crença, ou su-

perar o que Festinger et al. (2008 [1956]) chamaram de dissonâncias cognitivas, é um processo cotidiano em todos os grupos religiosos. No entanto, reconhece que há momentos especiais onde esse tipo de dissonância se torna tão forte que pode causar crises e ameaças à sobrevivência do grupo. Recolocando de outra forma, os elementos já citados, que são identificados pelo autor como meios para superar essas dissonâncias listamos abaixo seis condições necessárias: 1) apoio mútuo entre os membros do grupo; 2) presença de liderança forte que assuma e tome decisões; 3) a amplitude e sofisticação da ideologia religiosa do grupo; 4) a imprecisão e obscuridade da profecia (no caso podemos identificar com o segredo e mistério, pouca informação sobre o problema que gerou a crise); 5) presença de rituais integrativos; 6) organização do grupo ou certo grau de institucionalização. Em termos de discursos adaptativos que ajudam na sobrevivência do grupo, o autor identifica o que Festinger e seus colaboradores chamaram de “racionalização”<sup>15</sup> (não no sentido weberiano, mas antes no sentido psicanalítico ou freudiano). Desses destacamos, entre os listados por Dawson, a afirmação que a crise é um teste para a fé, ou que essa crise foi gerada por erros de seres humanos ou por culpa de outros (ou deles próprios). Também ocorre muitas vezes, no caso de profecias que falham, que os fiéis façam uma reinterpretação espiritual dessa. Nesse caso, observamos que há interpretação espiritual do evento por parte dos toqueiros. A teodiceia cristã é construída também dessa forma. Interpreta-se que o fracasso “nesse mundo”, o “material”, seria uma vitória no “outro mundo”, ou em uma dimensão espiritual, não perceptível a todos.

Antes de tratarmos das transformações pela qual a Toca passou a partir de 2009 e analisarmos as entrevistas procurando identificar se os elementos acima citados vão aparecer e de que forma, apresentaremos uma visão resumida<sup>16</sup> da origem, da proposta da Toca e também do seu líder.

### **A Fraternidade Toca de Assis e o carisma de seu líder**

Tal como as comunidades de vidas católicas (Canção Nova e Shalom entre outras), já descritas em trabalhos anteriores (ver, por exemplo, Carranza, Mariz e Camurça 2009), há duas formas de participação na Toca de Assis. A primeira seria a comunidade de vida, formada por aqueles que fazem o compromisso de viver em comunidade fazendo os votos de obediência, castidade e pobreza, e que são nomeados de toqueiros ou “religiosos”, se distinguindo dos “leigos”, embora, com efeito, sejam leigos, já que não são ordenados. A segunda, a comunidade de Aliança, é formada por aqueles que mantêm sua autonomia de vida, mas contribuem na manutenção das casas, que vai desde contribuições financeiras ao trabalho voluntário (Mariz 2005). É interessante observar a ênfase dada à integração das duas dimensões de participação: comunidade de vida e aliança como “uma grande família”<sup>17</sup>, característica também das Novas Comunidades Católicas (Mariz & Mello 2007). Juridicamente, a Fraternidade Toca de Assis é um Instituto de Vida Consagrada de caráter laical. Adotando modelo

de diversas ordens religiosas católicas, já que se considera uma ordem que busca aprovação oficial, a Toca é constituída por dois núcleos, um masculino e outro feminino<sup>18</sup>.

De carisma franciscano, essa ordem, segundo seus membros, se fundamenta em três pilares de práticas espirituais. O primeiro seria a adoração perpétua ao Santíssimo Sacramento; o segundo, reconhecer a presença de Jesus nos pobres; e, o terceiro, a pregação itinerante do Evangelho. A experiência tradicional católica de adoração ao Santíssimo Sacramento de joelhos, que também tem sido reavivada pelo movimento da RCC, é apontada pelos toqueiros como a prática fundante da Toca. O cuidado com o habitante de rua, que vive na total miséria, seria uma continuidade dessa adoração de Jesus, pois buscaria Jesus que está naquele pobre, como declara um entrevistado citado por Sílvia Fernandes (2011). Dessa forma, como já foi comentado em outros trabalhos, o objetivo dessa pastoral de rua é mais a edificação espiritual daqueles que cuidam do que apenas um serviço social ao que é cuidado (Machado & Mariz 2007). Tanto que, além do trabalho de Pastoral de Rua (corte de cabelo, curativos etc.), os jovens da Toca fazem a experiência de estar na rua, de ficar e dormir na rua com aqueles sem lar e de, com eles, comer através de mendicância, “para sentir como eles”. Estas ações são vistas como meio de experimentar a “humilhação”, de exercitar a humildade. Nas pesquisas realizadas antes de 2009, foram registradas por todos que pesquisavam a Toca muitas declarações dos toqueiros sobre o cansaço e o sofrimento físico resultantes da prática de adoração de joelhos e também da pastoral de rua cuidando dos que lá vivem (Lopes 20006; Mariz & Lopes 2009; Portella 2009a; entre outros). A valorização do sofrimento físico foi também tema de reflexão dos distintos autores que estudaram a Toca, já aqui citados (cf. Portella 2009a e Pinto 2012). Esse sofrimento seria compensado por práticas efervescentes religiosas, como descreve Portella (2012), e por seus rituais elaborados de oração e adoração. Eram registradas, nas casas da Toca, além da prática de adoração cotidiana e individual e/ou comunitariamente, longas missas, algumas com cerca de duas horas solenemente celebradas com utilização de incenso e atitudes de reverência à Eucaristia, tal como descrita por Portella (2012). Havia também encontros regulares chamados de Tocão, onde se conjugavam momentos de espiritualidade, com música e teatro.

O cuidado com os habitantes de rua era a prática que mais chamava atenção e não ocorria apenas na rua, mas também nas chamadas “casas de acolhida” da Toca onde eram feitos atendimentos ou onde os sem teto podiam se alojar por tempo indeterminado. Nessas casas, os assistidos podem ser residentes e recebem alimentação, cuidados com higiene e com a saúde, participam de algumas atividades religiosas se quiserem, sem obrigatoriedade<sup>19</sup>. Além dessas casas de “Acolhimento”, há as chamadas “Casas de Atendimento” ou “Bom Pastor”, onde a população de rua poderia receber roupa, banho, alimentação e também algum curativo nas enfermarias, se necessário, mas não poderiam morar.

Outra parte da missão da Toca era definida como pregação itinerante do Evangelho: os jovens toqueiros seguem a outras cidades para pregar e cuidar dos pobres

moradores de rua. Geralmente se estabelecem, por algum tempo, em uma paróquia na qual participam também das atividades litúrgicas.

A principal forma para a manutenção da comunidade, segundo os entrevistados, era a “Providência Divina” (Mariz & Lopes 2009:92). Afirmavam que tudo que se tinha provinha do Amor e da Providência de Deus. Em outras palavras, a Toca sobrevive basicamente de doações. Concretamente, três são as formas de aquisição de bens para o sustento: a doação regular de amigos e simpatizantes, venda de objetos (camisas, artesanatos, CDs pelo *site* oficial e/ou nas casas) e, em alguns momentos, a mendicância (presenciamos membros solicitando aos vizinhos um gênero alimentício que faltava na casa). A noção de Providência Divina “(...) permite [aos membros] que não se preocupem com sua própria sobrevivência evitando trabalhos mundanos, da mesma forma, impede que se considerem devedores dos benfeitores que com suas doações regulares os sustentam” (Mariz & Lopes 2009:92). O discurso dos membros da Toca era de confiança estrita na Providência Divina e nas doações. No entanto, no *site* oficial da Toca, há um espaço para a “loja virtual”, onde se vendem objetos (camisas, bonés, bolsas etc.) como forma de divulgação e arrecadação financeira.

Como já foi mencionado, antes da “crise” e do afastamento do Pe. Roberto, nas entrevistas com membros da Toca, o fundador, que foi líder por 16 anos, era sempre muito mencionado. Contavam sua história de vida, comentavam seus pensamentos, homilias, vivências, preferências (por exemplo, quanto a cor, livro, filme, etc). No *site* oficial da Toca – e também nas casas dos membros – se destacavam suas fotos e suas palavras e frases. Havia no *site* muitas imagens, informações, entrevistas e pregações gravadas do Pe. Roberto (conteúdo que não está mais disponível). Também havia em cada casa, um quadro com sua foto: é uma prática comum nas instituições religiosas haver imagens e fotos de seu fundador em suas casas. Nas redes sociais e também no *youtube* se encontravam muitas fotos e registros de pregações proferidas pelo Pe. Roberto.

A importância do Pe. Roberto, que era chamado carinhosamente pelos membros da Toca como “o Padre”, como se ele fosse o único, foi destacada nas diferentes pesquisas mencionadas. A narrativa de sua história religiosa, desde o Seminário em Campinas, é permeada por momentos de dificuldade e transgressão à ordem estabelecida<sup>20</sup>. Ainda que o Pe. Roberto tenha meia idade<sup>21</sup>, suas fotos remetiam a uma imagem de um ancião venerável e sábio. Essas fotos do Pe. Roberto, em geral, o retratavam em momentos litúrgicos (missa e adoração ao Santíssimo). Muitas apresentavam a imagem do Pe. Roberto com o ostensório nas mãos ou inclinado sobre ele, numa atitude de oração e reverência, que podem nos remeter à ideia de um místico contemporâneo. Como mencionamos anteriormente, desde a crise, em 2009, foram retiradas essas fotos das casas e do *site* oficial e evita-se comentar seu nome e feitos com “os de fora”, como pudemos observar.

Todos esses elementos deixavam evidente para nós, como já destacado, a forte ligação afetiva dos membros a ele e suas características de um líder carismático, tal

como descrito por Weber (1991, 2010) e Lindholm (1993): aquele que recebe o “sopro de Deus”. O afastamento seguido da saída do Pe. Roberto da Toca, portanto, não podia deixar de resultar em uma crise interna de significativas proporções, já comentada. Essa crise provocou a perda da estabilidade da comunidade em todas suas dimensões. A saída do líder fundador, nas palavras do irmão responsável pelo Regional, foi: “um drama, muita desistência”<sup>22</sup>. Segundo ele, a “estrutura dos toqueiros ficou abalada”. Em exclamação, de um dos toqueiros, a crise: “Abalou geral!”. Como lembra Weber (2010:173-4), a dominação carismática é instável, não há rotina por nenhum conjunto de regras, ou burocracia estabelecida, toda lei emana da experiência carismática do próprio líder. A dimensão da crise revela a dimensão do seu carisma.

Como foi dito, a versão oficial sobre a saída do líder mencionava o ano sabático e o cansaço do líder, necessidade de repouso e retiro, mas há sempre boatos contraditórios. Esses podem ser escutados entre egressos, colaboradores, familiares dos membros e especialmente na internet. E variam desde perseguição ao “Padre” por sua “humildade” e “santidade”, que seria comparada ao Padre Pio (um dos patronos da Toca), recentemente canonizado (em 2002), até problemas de desvio de conduta sexual, infrações litúrgicas e surtos psicóticos. Nosso objetivo no texto não é investigar esses boatos, mas, como dito acima, focar especificamente as declarações dos que permanecem vivendo em uma das casas da Toca, para identificar os sentidos atribuídos a essas mudanças, às perdas sofridas pelo grupo com a saída do líder. Antes de passarmos para análise da fala dos entrevistados vamos apontar para mudanças que ocorreram na Toca, nos últimos anos, especialmente com o afastamento de seu líder fundador.

## Mudanças na Toca

A crise muitas vezes impõe uma necessidade de mudança e/ou adaptação e/ou reestruturação. A situação gerada pela saída do fundador, que levou um grande grupo a sair da Toca de Assis, impôs à comunidade a necessidade de se reorganizar. Junto com os temas da vivência comunitária propriamente dita (a reorganização das casas e distribuição dos toqueiros) e das exigências legais (organização do atendimento pela perspectiva da saúde e aspectos sanitários), foram apontando à Fraternidade a necessidade de reformulação de suas práticas.

Dessa forma, após o afastamento do Pe. Roberto, os bispos encarregados de cuidar da Toca chamaram as lideranças desse movimento, que foram assessoradas por membros da hierarquia católica (Pinto 2012), para realizar uma reunião geral. Essa reunião foi denominada, tal como nas ordens tradicionais, de “Capítulo”. Nesse Capítulo novas orientações seriam definidas para serem implantadas até o ano de 2013. As novas estruturas organizativas da Toca deveriam responder a exigências da Igreja e do Estado brasileiro, tais como as exigências de adaptação às Leis Orgânicas de Assistência Social (LOAS) de 1993 para o trabalho com a população de rua. Mas as mudanças propostas eram de fato bem amplas, incidindo em três dimensões: a da

vivência pessoal do compromisso religioso, a da vivência comunitária e a da institucionalidade da Toca.

As palavras de ordem dos membros para esse novo momento são: “nova mentalidade” e “nova estrutura”. Porém, há um caminho a ser feito no sentido do reconhecimento de que são necessárias mudanças para a superação da crise e institucionalização da Fraternidade, como verificamos na dinâmica da comunidade estudada. De acordo com o guardião, muitos ainda estão resistindo às mudanças, e é preciso uma “nova consciência”. Para isso, em sua opinião, havia necessidade de uma abertura de todos para as mudanças:

Vai exigir de nós e de vocês a conversão, uma nova mentalidade. [...] Esse tempo exige ‘nova mentalidade’. Exige o ‘novo’, não condenando. Lutar para melhorar, corrigir para trazer o novo para a Toca. Só Jesus muda a mentalidade (Guardião da casa, em 15 jan. 2011).

Uma das mudanças importantes ocorre na formação dos membros. Quando a Toca foi fundada, não havia um processo formalizado de incorporação de um novo membro. De acordo com os relatos dos entrevistados, bastava expressar o desejo de entrada, fazer uma experiência e, se fosse possível, uma conversa com o fundador, na maioria das vezes, dentro dos retiros oferecidos pela Toca. Essa fluidez era altamente positivada pela juventude que percebia uma liberdade, emoção e realização do desejo de forma imediata, bem característica da religiosidade moderna segundo Hervieu-Léger (2008). De acordo com a fala de um toqueiro:

A Toca estava naquele tempo assim, você batia na porta, a pessoa queria morar e chegava com mochila, entrava. Não tinha esse negócio não, você entrava. [...] A Toca estava no início, tem essa santa empolgação, essa emoção. Então, eu saí desse jeito, saí pobre e decidido viver o hoje, quero viver o hoje e não me preocupar com o amanhã e pronto (Entrevista em 28 jan. 2011).

Nessa dinâmica “muitos entravam, mas também muitos saiam”, como acrescenta o entrevistado acima citado. Portella (2009a) também observou essa rotatividade, mas chamou atenção que ela não significava que havia uma acolhida irrestrita. Em nossa interpretação essa flexibilidade no ingresso e na saída podia favorecer uma condição de experimentação<sup>23</sup>: havia toqueiros com um “chamado” para uma vivência temporária ou para uma experiência na Toca, pois essa marcaria suas vidas futuras construídas em torno de outra vocação. Como resultado dessa dinâmica e concepção de vocação, em 10 anos, como já foi assinalado, a Toca chegou a ter mais de 2 mil membros e em torno de cem casas em várias cidades no Brasil e no exterior (Medeiros 2006; Portella 2009a).

Desde seu surgimento, a Toca usou o *site* como um meio para atrair novos membros. Nisso não houve mudança e em 2013 ainda é possível ter acesso à página “Acompanhamento Vocacional – Toca de Assis”<sup>24</sup>, na qual se lê um texto sobre “vocaçãõ”, extraído do *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, indicando ligação com o que oficialmente na Igreja católica se compreende por “vocaçãõ religiosa”. Nota-se que a compreensão de plenitude é dispor a vida à vocaçãõ religiosa “que deve durar a vida inteira”.

Depois dos anos iniciais, a configuração da Toca foi tendendo a uma organização religiosa bastante semelhante ao modelo das congregações religiosas do tipo ascética, contudo, como sublinha Portella (2009b:173), se destacava por seus “resgates devocionais, estilísticos e doutriniais pré-Concílio Vaticano II”. Portella (2009a) também afirma que desde 2006, a Toca passou a burocratizar as condições de acesso como forma de adaptaçãõ às formalidades da Igreja Católica no que se refere à vida religiosa. Ainda de acordo com as informações colhidas por Portella (2009a) e, em nossas pesquisas com a Toca, verificamos, em 2005 e 2006, que o tipo de formaçãõ ao qual o postulante era submetido se assemelhava ao das congregações religiosas. No entanto, nas casas havia membros nas distintas etapas de compromisso, “todos juntos” nas palavras do guardião. Apenas na etapa que precedia ao primeiro compromisso de consagraçãõ, denominada de noviciado<sup>25</sup>, os jovens ficavam em casas destinadas para a “formaçãõ” e uma preparaçãõ de um ano para consagraçãõ. Nesse tempo, além dos afazeres habituais das casas (cuidado com os assistidos e prescrições de adoraçãõ individual e comunitária), incluía-se um estudo do Catecismo da Igreja e de alguns documentos do Magistério (autoridades eclesiais), de forma mais ou menos sistemática (Medeiros 2006).

A formaçãõ acadêmica foi bastante criticada e até mesmo rejeitada nos anos iniciais da Toca, sendo interpretada por alguns autores como um anti-intelectualismo (Carranza 2000; Portella 2008, 2009a), mas defendida pela própria Toca, como uma crítica ao “academicismo” eclesial, como uma atitude de fidelidade ao Evangelho e ao franciscanismo. Até então, a adoraçãõ ao Santíssimo e a convivência com os pobres eram os espaços formativos por excelência. Em 2007, em artigo publicado na *Folha Online*<sup>26</sup>, o fundador da Toca, Pe. Roberto Lettieri, afirmava que toda a formaçãõ era feita através do trabalho social e das orações, e que a vocaçãõ dos toqueiros era aprender “na vivência com os sofredores e não com os livros”, fala assimilada nessa entrevista:

[...] Na Toca, a nossa primeira regra de vida falava de formaçãõ de Catecismo, de Bíblia, de tudo relacionado à formaçãõ, na verdade tinha, estava no papel, mas nunca ‘teve’ na verdade, então, também é uma coisa necessária à formaçãõ humana nossa. Então, é algo que é preciso, que lá dentro nós aprendemos, mas a questãõ do Catecismo e tudo uma coisa é um que lê, um tem afinidade para ler, outro não, outra coisa é todo mundo sentar e vamos ver a formaçãõ humana, a afetividade, a

sexualidade, o que é isso, o que é aquilo, a história da igreja, por que a igreja é assim, é tudo louco, a gente não está aprendendo lidar com o que é ruim, mas carisma, é carisma, o carisma vai nos formar de tal forma (Entrevista realizada em 28 jan. 2011).

Até há pouco tempo, para os cuidados paliativos (curativos) com a população de rua, não havia nenhuma orientação específica, como, por exemplo, conhecimentos em primeiros socorros, assim como também não havia profissionais da saúde e da assistência social.

Segundo informações obtidas na casa pesquisada, outra decisão tomada no Capítulo de 2010, foi conceder uma autorização para quatro irmãos estudarem Filosofia e Teologia no curso do *Matter Ecclesiae*, em São Paulo, avaliado como “muito conceituado”. Além de aprovar um plano de formação para os que estão ingressando e para os membros consagrados. O plano de formação foi elaborado em 2010, por quatro membros. Foi frisado que o Plano foi elaborado na adoração, que “o maior aprendizado vem da Adoração ao Santíssimo”, “que tudo é aprendido na adoração” (guardião em conversa informal). O guardião da casa advertiu-nos que eles, os toqueiros, poderiam chamar pessoas de fora para ajudar, mas que essas pessoas, ainda que pudessem vir com boa intenção, poderiam mudar o carisma, inserir coisas que não são da missão da Toca.

Um dos entrevistados comenta que, desde o início da Toca, havia uma proposta de formação, de conhecimento do Catecismo da Igreja (questões doutrinárias fundamentais), mas que não era vivenciada no coletivo, em comunidade, que se restringia às iniciativas individuais, “aos que gostavam de ler”. Todos os nossos entrevistados demonstraram uma reação positiva quanto à formação que está sendo oferecida e o seu valor. No entanto, explicitaram que consideram a adoração ao Santíssimo Sacramento e a convivência com os irmãos assistidos e com os toqueiros como caminhos formativos por excelência, como podemos conferir nas falas dos membros, indicando que a forma de compreensão do carisma segundo o seu fundador ainda é a que prevalece, como podemos atestar na fala de um deles:

Depois da adoração, é eu estar com os irmãos né, é eu estar com eles, é eu estar próximo deles. A gente aprende muito, é uma formação humana extraordinária, é uma formação humana que eu creio que, não desmerecendo nenhum tipo de, não sei, diante da Antropologia, da Sociologia, da Filosofia, não desmerecendo nenhuma disso, mas a formação humana que nenhuma ciência humana do mundo vai dar para você, porque é o Evangelho, eles são o Evangelho, já não existe nenhuma ciência humana que seja baseada naquelas Escrituras, se baseia nas Sagradas Escrituras. (pausa) Então, os irmãos assim, são a nossa maior formação humana, que eu creio são eles. Nós temos sim, toda a formação humana que a Igreja nos passa (Entrevista realizada em 30 jan. 2011).

Em relação à vivência pessoal do carisma, avalia-se que o antigo modelo de ação, no qual “todos faziam tudo”, sem a presença de profissionais que pudessem dar suporte às tarefas, teve como consequência esgotamento físico e psicológico de muitos membros sobrecarregados com tarefas e prescrições litúrgicas. Nesse modelo, marcado por um ativismo, imediatismo e espontaneidade, não havia espaço para descanso e lazer.

De um ritmo de trabalho e adoração incessantes, passou-se a uma nova dinâmica que inclui momentos de descanso durante o dia e a noite. Há entre os toqueiros um rodízio de atividades práticas da casa. O guardião define os toqueiros que realizarão as atividades que requerem um conhecimento e habilidades específicas (por exemplo, de motorista e de contabilidade). Para a função de liderança, algumas competências são consideradas necessárias (Portella 2009a), como o tempo na Toca, algum conhecimento, liderança e capacidade de coordenação, como constatamos em nossas observações e conversas informais com os membros.

Em relação aos direitos dos membros, relação familiar e férias, mudanças foram realizadas: os contatos por telefone ocorriam uma vez por mês. Atualmente, pode-se falar ao telefone uma vez por semana. Os períodos de férias anuais também foram gradativamente aumentados: no princípio, uma semana; depois, quinze dias; e, desde 2011, vinte dias. Não há um calendário fixo de férias. As saídas dependem da organização da casa. No tempo de quaresma e de páscoa não há saídas de membros da comunidade.

Percebemos que as mudanças seguem a um ritmo relativamente rápido, mas tornando a ação social possível para os próprios membros que realizam, numa compreensão de limitações humanas e competências. Foram propostas mudanças na forma de organizar a assistência à população de rua, tanto na destinação das casas de acordo com o perfil dos assistidos (como, por exemplo, psiquiatria, geriatria etc.), quanto a uma maior privacidade para cada um, segundo as normas legais de assistência social.

Verifica-se uma grande valorização e uma busca de maior participação dos “leigos” (no caso “os de fora da Toca”) para uma colaboração direta e corresponsável, o que pode ser explicado pelo fato da redução do número de toqueiros, bem como o de uma tomada de consciência de uma ação mais partilhada.

Notamos que há, por parte das lideranças, uma preocupação em legitimar a institucionalidade eclesial da Toca e, por conseguinte, sua missão. O discurso de legitimação se baseia na crença da inspiração divina e presença do próprio Espírito Santo nesse processo de mudança, como fica claro na fala do guardião<sup>27</sup>: “obra da Igreja”; ou seja, “que os toqueiros são Igreja, que a Toca é obra da Igreja”. Em sua declaração ressalta ainda que, como obra de Igreja, inspirada por Deus, os toqueiros foram suscitados pelo Espírito para sua missão, portanto, “quando vai um irmão à rua, não é ele que vai, mas é a presença da Igreja que está na rua”. Para Carranza (2000:303), seus trajes e sua ação tornam a presença da Igreja católica claramente visível no espaço público, e se constituem uma entre outras “estratégias de autoafirmação da identidade” católica. Esse tipo de zelo pela identidade com o catolicismo

é também comum na Renovação Carismática Católica e em movimentos e grupos nela inspirados, talvez por esses sentirem que ainda inspiram estranheza a alguns setores da hierarquia católica.

Segundo os toqueiros entrevistados, é evidente que a proposta da Toca é contribuir para o reforço da Igreja, seja através do compromisso com os mais pobres, com os moradores de rua, seja na presença visível através da estética religiosa (hábito e tonsura). Além do mais, entre os carismas da Toca, se salienta a prática da oração pelos sacerdotes, o zelo pela liturgia (celebrações e paramentos), numa perspectiva de “retorno às raízes”. Assim, a Toca assume uma atitude profética *intra* e *extra* eclesial. Apesar disso, para um entrevistado, a Igreja católica ainda percebe a Toca com certa estranheza por considerar sua vivência religiosa como “radical”. Essa radicalidade, segundo o depoimento abaixo, produziria uma alegria nos jovens (“empolgação”), porque sentem que conseguem fazer diferente: se distinguem das vivências de outros grupos religiosos da Igreja e conseguem “chamar a atenção”. Para ele esta dinâmica religiosa queria/quer chamar a atenção da Igreja para uma vivência mais próxima de sua origem, e essa reaproximação com a origem é vista como “necessidade”. Em suas palavras, “a Igreja precisa” que integre adoração – ao Corpo Eucarístico de Jesus – com o cuidado com os mais pobres entre os pobres – à população de rua. Por outro lado, o mesmo irmão sublinhou que esta vivência religiosa de “doação a Deus e aos pobres” visa produzir “felicidade”. Para esse entrevistado, abrir mão de suas necessidades particulares para viver essa doação, é o que lhe faz feliz: “é para ser feliz” e fazer a felicidade dos que estão no seu entorno:

Eu tenho oito anos (de Toca), então não é uma grande experiência. Mas antes, aquela coisa de empolgação de que a Igreja olhava para nós, e hoje não (...) Diferente até hoje, a Igreja, olha para nós com olhar diferente, porque o carisma, pela nossa vivência, até pela mudança, não deixou de ser radical, não deixou de ser belo, não deixou de ser um carisma que hoje a Igreja precisa que é exaltar o corpo de Cristo e ir em busca dos pobres que são tão desprezados na rua. (...) juntar (...) a adoração, o cuidado, o zelo com o Corpo Eucarístico de Jesus e o cuidado com o corpo do pobre na rua em nossas casas é muito forte. Isso até, pelos dois maiores mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo com a ti mesmo. Esses dois mandamentos é carisma para nós então, não é só questão de até de que, o povo vive gritando: “Nossa, que carisma!” A gente tem que viver isso (...) ser feliz, essa doação a Deus no altar e essa doação aos pobres no altar da rua (...) é o que nos faz feliz, não é fazer o que eu quero, o que eu tenho necessidade, a nossa necessidade é de fazer o outro feliz, a nossa necessidade, para a gente ser feliz é adorar a Deus, é amar a Deus sobre todas as coisas, então essa é a nossa maior necessidade (Entrevista realizada em 28 jan. 2011).

Por fim, outro irmão afirma com ênfase a institucionalidade da Toca, numa atitude de afirmação identitária católica: “a Toca é Igreja”: “Sinal de Deus, a Toca é a Igreja, nasceu dentro da Igreja, para a Igreja, é um dom de Deus, como eu vejo a Toca de Assis” (Entrevista realizada em 3 fev. 2011).

### **A fala dos toqueiros remanescentes**

Os dados aqui analisados foram coletados através de observações, conversas informais e entrevistas formais durante as visitas a uma casa do Rio de Janeiro. A casa pesquisada foi fundada em 2001, já tinha abrigado um grande número de religiosos (mais de 30) e um significativo número de assistidos (quase cem), como foi informado pelos próprios religiosos. No tempo da pesquisa, a casa era composta por uma comunidade religiosa formada por 8 toqueiros, possuíam 36 assistidos residentes (pessoas que viviam nas ruas) e trabalhavam 4 profissionais contratados, além da participação de voluntários e amigos. Durante a visita foi possível interagir e conversar com a maior parte dos toqueiros, com alguns assistidos, que ainda viviam na casa, profissionais (enfermeira, assistente social e cozinheira) e voluntários. Em relação aos toqueiros, depois de negociações, tivemos permissão do guardião para entrevistar formalmente e gravar as falas de cinco toqueiros. Estaremos, portanto, dando prioridade às entrevistas formais, mas também serão consideradas em nossas análises e ilustrações outras falas coletadas no trabalho de campo<sup>28</sup>. Em nossas visitas contamos com diálogos e depoimentos de 17 pessoas que viviam ou frequentavam a casa, inclusive o guardião. No presente artigo, vamos nos focar na fala dos toqueiros.

É importante, no escopo desse trabalho, observar que, embora tenha permitido essas entrevistas, o guardião fez uma ressalva: solicitou que não fosse perguntado nada sobre “o Padre” nessas entrevistas e também que nada se perguntasse a ninguém sobre ele, como já mencionamos. Respeitamos sua solicitação e registramos apenas informações que foram dadas espontaneamente a esse respeito.

Sobre o perfil dos membros atuais da casa pesquisada, observa-se que todos eram originariamente de fora do Rio de Janeiro, o que era de se esperar por fazer parte da dinâmica da Toca, como de outras novas comunidades católicas, a transferência dos membros consagrados para regiões distantes de onde viviam anteriormente (como já foi observado em outros trabalhos, Mariz 2005). Eram provenientes do Ceará, do interior de São Paulo e Minas Gerais. Todos os entrevistados estavam na Toca há mais de sete anos. A idade que eles tinham ao entrar na comunidade variou entre 19 a 25 anos, e isso se deu entre os anos de 2001 e 2003. Já a idade deles à época da entrevista variou de 26 a 32 anos. Apenas um declarou que vinha de família “sem religião”, os demais eram de família católica praticante, e um declarou ter chegado a estudar na universidade. O primeiro conhecimento que tiveram da Toca ocorreu ou via TV Canção Nova ou encontro de grupos de RCC ou nova comunidade, mas um teve contato por já trabalhar em pastoral de rua. Após cada fala e depoimento coletados,

evitamos citar nomes dos entrevistados e qualquer outra de suas características, por ética de pesquisa para que não possam ser identificados.

Ao desenvolverem estratégias para lidar com crises, indivíduos ou grupos elaboram, de uma forma ou de outra, interpretações que atribuem sentidos, tornando coerentes os problemas e dificuldades por que passam. Essa busca de coerência pode ter levado alguns toqueiros a abandonar o movimento, mas levou outros a permanecer no movimento. Procura-se aqui destacar os elementos das interpretações desses últimos, que tornam suas experiências atuais e passadas coerentes. Socialmente compartilhadas e coletivamente construídas, essas interpretações integram discursos presentes na Toca de antes da crise, a falas do próprio Pe. Roberto, a discursos atuais de outros grupos católicos (como da RCC) e ainda à teodiceia católica mais ampla.

Para os que já estão algum tempo na Toca, a coerência dessas interpretações sobre a crise certamente terá maior “plausibilidade”, no sentido dado por Berger & Luckmann (1978), na medida em que essas se articularem com a proposta e fala do próprio Pe. Roberto. No entanto, por todo o processo pelo qual tem passado esse grupo e pelo papel da hierarquia católica, fica evidente que houve participação desta hierarquia na construção desses discursos. A seguir, apontaremos com mais detalhes e com base na fala de “toqueiros” os elementos já mencionados que consideramos importantes na fala desses que continuam “toqueiros”. Identificamos similaridades com o que Lorne Dawson (1999:63) conceitua em seu texto como “racionalizações” para superar “dissonâncias cognitivas”. Veremos que a ideia de “vontade de Deus”, “mistérios”, “purificação”, “redenção dos mais fracos”, “nossa culpa”, “nosso erro”, bem como a de “profecia”, já apontada pelo Pe. Roberto, são, todas, racionalizações no sentido já comentado de Festinger que ajudam a dar credibilidade de novo ao projeto e movimento em crise. Por outro lado, notamos que o papel da autoridade da igreja, os rituais aprovados pela igreja e fortemente alimentados na Toca, criando maior coesão no grupo, também desempenham papel importante na fala dos entrevistados.

### **A vontade de Deus: mistério e purificação**

Para alguns, a crise se deu a partir da falta de estrutura que permitisse a Toca de Assis funcionar bem. Com a crise, eles perceberam que a prática da Toca era simples, embora exigisse muito de cada toqueiro, pois era pouco regulamentada e pouco se preocupava com as limitações individuais, com as exigências internas da Igreja e com as exigências da legislação brasileira e da sociedade civil em geral. O discurso dos que estão na Toca apontam para uma consciência maior sobre uma adaptação às normas legais. Há reconhecimento de uma necessidade de seguir regras, de se burocratizar e de se especializar. É interessante observar a necessidade de ordenamento da vida e da relação entre a Toca, a Igreja e a sociedade mais ampla, explicitada na fala de um irmão. Sentiu-se a necessidade de uma estrutura definida e com critérios claros, como declara:

A nossa vida era cuidar dos pobres e orar a Deus, era isso, entendeu? Isso nos bastava. Era mais simples, só que eu não reconheço, não vejo isso como algo, sabe aquela choradeira por aquele que não tem mais, entendeu? Mas, realmente é assim, existem leis a serem cumpridas, existe o Estatuto do Idoso que eu tenho que cumprir, porque existe gente idosa na minha casa. Eu para trabalhar com irmãos acolhidos que têm problemas psiquiátricos é diferente de trabalhar com irmãos acolhidos bons, que são somente deficientes físicos, entendeu, então? *São realidades que isso nos ensina a termos um trabalho, digamos, ordenado* (Grifo nosso. Entrevista realizada em 30 janeiro de 2011).

Esse tipo de argumentação parece ser reforçado pela liderança e estava muito clara na fala do guardião, que afirmou que os toqueiros faziam “tudo”: eram médicos, enfermeiros, psicólogos, “mas que agora estão vendo a necessidade da profissionalização, porque eles não estudaram para ser, por exemplo, assistente social” (em 15 janeiro de 2011). Segundo sua informação, esta dinâmica de assumir todos os trabalhos (da limpeza das casas aos cuidados com os pobres acolhidos e das ruas) provocou muitos “desgastes físicos e emocionais” nos “irmãos” (toqueiros), e que hoje eles veem a necessidade de uma “reestruturação” e uma “nova mentalidade”. Afirmou enfaticamente a necessidade de “uma nova estrutura”: “cada coisa no seu lugar, pelo amor e pela graça”. O guardião contou-nos ainda que percebeu através da “crise” que “houve erros”, que os irmãos não tinham consciência da necessidade de estrutura, o que ocasionou em alguns “problemas psicológicos”<sup>29</sup>. Essa fala, contudo, pode não ser consensual na prática: uma das profissionais com quem conversamos mencionou a resistência por parte dos toqueiros de abrir mão de tarefas que antes faziam para os profissionais e aceitar seguir ordens desses especialistas.

Essa necessidade de especialização e preparação para o trabalho com a população de rua também é fruto de questões externas ao grupo religioso e à própria Igreja Católica. Como vimos acima, o Estado brasileiro a partir de 1993 possui legislação que exige de toda assistência social adequação a certos padrões e normas. A ação social civil passa a partir daquele ano a ser regulada pela Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS de 07/12/1993), que dispõe sobre a organização da assistência social no Brasil. De acordo com as falas acima citadas, a crise foi algo positivo já que adapta a Toca às novas exigências de ordenamento, de estruturação, de organização do trabalho, uma necessidade de especialização da ação. Da mesma forma, por ter que seguir a Constituição Nacional, a Toca, ainda sob a direção do Pe. Roberto, não pôde mais aceitar menores de idade na comunidade de vida como ocorria em seus anos iniciais. Aceitar esses menores era um ato ilegal especialmente porque nessa época era vetado aos membros dessa comunidade frequentar escolas e, por lei, menores devem ir à escola. Os toqueiros entrevistados entenderam como necessidade essas mudanças e adoção de novas regras. Não interpretam esse fato como um tipo de “burocratização” apenas, que

em geral tende a ser criticada por arrefecer o entusiasmo e espontaneidade do carisma. Os toqueiros entrevistados percebem o aspecto positivo desse processo de normatização da Toca que implica a formação e atuação de especialistas em áreas diversas. Para Weber (2010:51), a especialização da ação faz parte da organização burocrática, na qual “tarefas individuais são atribuídas a funcionários que tem treinamento especializado e que pela prática constante, aprendem cada vez mais”. Segundo esse autor, toda ação carismática com o tempo necessita ceder à disciplina e à burocratização.

Os que continuam na Toca compartilhavam a crença de que as mudanças que estavam ocorrendo permitiriam a sobrevivência da Toca, dessa forma a experiência da crise é positivada e interpretada como uma ação de Deus, ou resultante da Providência Divina, embora isso não signifique que entendam claramente a necessidade de todas essas novidades. Aceitar isso não significava entender nem muito menos não sofrer com essas mudanças, especialmente com o afastamento do Pe. Roberto. Houve assim declaração de dificuldade de entendimento e dor diante de certas mudanças. Para superar essa dificuldade de entendimento se reativa os conceitos de “mistério” e de “Providência Divina”. Se Deus assim o permitiu, deve ser positivo. Necessitam razões e justificativas claras e coerentemente compreendidas para crer que a experiência e a dor são positivas.

O mistério da Providência e a “vontade de Deus” são apontados como argumentos que sustentam a afirmação de que a crise é positiva. Para entender de forma positiva o que estão vivendo, vinculam esse momento e os acontecimentos que geraram a crise e as mudanças à Divina Providência e não a ações planejadas racionalmente pelos homens, como fica explicitado no trecho da entrevista abaixo:

E tudo isso assim, a gente crê [...] como Providência, entendeu? Como Providência. A própria Providência, ela diz isso: a vidência em prol, é olhar de providência de Deus, é o olhar de Deus em nosso favor. Então, quando eu reconheço como Providência, o olhar de Deus ao nosso favor, que os caminhos de Deus a gente não tem como entender, não tem como entender (entrevista em 30 de janeiro de 2011).

O depoimento de outro irmão revela a crença de que as mudanças também são de ordem da intervenção divina:

É Deus construindo. A vida está nas mãos de Deus, então é difícil ter um parâmetro formal, porque, como eu falei assim, a minha vida, a minha vontade é escolha de Deus. Então, é Ele [que] transforma tudo, a todo momento. [...] Está sendo vivido a mesma coisa, mas aperfeiçoada de uma maneira melhor hoje em dia. Então assim, não mudou nada. [...] Eu estou vendo como vontade de Deus, se Deus permitiu, então não é pra dizer aí, tinha que acontecer (Entrevista realizada em 3 de fevereiro 2011).

De acordo com a fala de um terceiro entrevistado as mudanças que estão sendo propostas ainda não estão claras, o que expressa dificuldade de fazer uma síntese entre o passado vivido e o presente necessário. Em sua fala, encontramos a narrativa da crise proferida pelos líderes, numa clara coesão de sentido que estão sendo produzidos, comunicados e apropriados:

Eu olho com olhar de esperança, na certeza que nesse quebra-cabeça cada pedrinha vai ser encaixada no seu devido lugar. Tem (muitas peças fora do lugar), talvez eu não veja esse quebra-cabeça montado, mas eu estou fazendo parte dessa realidade, de montar esse quebra cabeça. *O desafio é esse equilíbrio*, de tudo aquilo que a gente viveu que foi bom, que foi o tempo necessário, que Deus nos permitiu e deu graça pra tal momento, e saber viver esse novo, sem excluir e sem condenar o passado, manter esse equilíbrio, assim como o Evangelho fala, né: ‘O escriba que sabe tirar do seu baú, coisas antigas e coisas novas’ (Grifo nosso. Entrevista realizada em 3 de fevereiro de 2011).

Numa sequência de diálogo, o entrevistado acima se refere a esse tempo como de “purificação”, o qual apresenta a necessidade de mudanças como uma possibilidade de se ter critérios claros de entrada e uma melhor formação, numa visão menos encantada da realidade, ou seja, mais realista. Ao comentar sobre o presente número reduzido de irmão, comenta:

Com esse tempo de purificação, acredito profundamente que Jesus há de suscitar vocações com uma maturidade, com essa nova realidade, entendeu? Com o pé mais no chão, sem essa empolgação de que... “Ah eu quero entrar!” \_ “Ah, vem aí, entra aí, fica jantando aí com ‘nós’, aí a gente vai ver no que dá”. Eu acredito que vai vindo as vocações, mas numa realidade totalmente diferente, que era antes que da mesma maneira que entrava muito, saia muita gente, tinha essa realidade entrava muita gente, mas saia muita gente. Sempre isso aconteceu, entrava em excesso, mas saia em excesso, entendeu? Então, eu acredito que nesse novo tempo, pra esse acompanhamento vocacional. Então, vai ‘dá’ uma bagagem maior para aqueles que são vocacionados (Entrevista realizada em 3 fev. 2011).

Na fala de outro entrevistado, que além de declarar ter buscado a Toca com um desejo anterior de ser sacerdote, afirma ter tido também experiência de participação paroquial, fica claro que ainda que sinta a saída dos amigos e do Pe. Roberto, a autoridade da Igreja e a tradição lhe dão segurança e estrutura. A relação com o sagrado dá significância à vida e às vivências, como vemos em seu relato:

Olha, a gente sentiu, sentiu dor porque irmãos meus saindo, fico triste, fiquei triste, não tem como, mas não a ponto de me abalar, porque eu sei quem que me chamou, quem eu depusitei a minha fé, sei quem eu estou buscando, sei quem é o meu alicerce. Então, por isso não me senti abalado, mas claro fiquei triste por saber que irmãos meus, que eram muito meus amigos saíram, não estão mais, não sei como ficaram a vida deles, por não ter contato. [...] Abalou por ser o fundador, não mexeu na minha estrutura de vocação. E também assim, não me abalou tanto porque, assim, foi tudo feito através da Igreja, não estávamos sozinhos, estávamos sempre acompanhados pela Igreja. Então, assim, eu sei onde depusitei a minha confiança, se aconteceu é vontade de Deus, Deus sabe para quê, para o bem maior que estamos passando por esse processo (Entrevista realizada em 3 fev. 2011).

Ainda que a Toca tenha perdido uma grande proporção de seus membros, em nossas entrevistas tivemos declaração de que ela teria realizado um trabalho de formação na vida dos jovens que por ela passaram. Afirma-se que a experiência de ser da Toca marca os que por ela passaram, pois essa teria incutido neles valores cristãos e uma sensibilidade social especial, adquirida na vivência com os pobres. Essa visão fica clara na fala abaixo de um dos irmãos entrevistados:

Eu falo assim, como experiência pessoal que eu tive com meu amigo que saiu, hoje ele fala o quanto é mais fácil pra ele resistir a tudo isso que o mundo oferece por ter uma vida, por ele ter tido uma vida desordenada, desregrada no mundo. Hoje é muito mais fácil dele resistir a isso tudo, por ter tido uma vida na Toca, por ele ter tido uma experiência com Jesus, por ele ter tido uma vida de oração intensa, por ele ter tido sensibilidade para com os pobres, ele ter sido tratado com os pobres. Hoje, ele reverte até para a própria família dele, daqueles que são mais próximos dele, a sensibilidade para os próprios amigos que você faz, aqueles que você convive, que hoje em dia não existe mais isso, a solidariedade, o amor fraterno, a caridade é mais intenso, é mais fácil exercer. Então, a gente não tem como antecipar o caminho que Deus vai traçar, não tem. Então, muitos Deus enviou pra cá realmente para serem formados, para serem bons cristãos [...] (Entrevista realizada em 30 jan. 2011).

Um dos sentidos atribuídos à crise, que possui raízes na teodiceia cristã de redenção dos mais fracos, é de que a crise mostra a necessidade da humildade. Os toqueiros precisavam perceber seus limites e fraquezas. Para um dos cinco irmãos entrevistados, esse momento desconstruiu a imagem que fora erguida sobre os jovens da Toca, que eles mesmos acreditavam, como possuidores de “fortaleza” por terem sido

capazes de “entrega da vida a Jesus”. Essa crença seria uma pretensão juvenil, uma falta de maturidade dos toqueiros em seu entusiasmo no início do movimento. Os toqueiros eram conhecidos por sua alegria e seu trabalho exaustivo. Mas eles reconhecem agora que também precisam de descanso.

### **A autocrítica: a crise é fruto de erro humano, nosso erro**

Há bem pouco tempo, não havia uma compreensão de que era necessário o descanso. O que prevalecia era um ativismo “sem medidas”. Para ilustrar, em uma das nossas visitas à casa, conversávamos com um grupo de religiosos no refeitório sobre os “primeiros tempos da Toca”. Contavam que trabalhavam o “tempo todo” e sentiam-se esgotados, mas, no entanto, lembravam com humor que havia um clima de competição de quem iria fazer mais. Se, por exemplo, um adorava três horas consecutivas na capela, o outro, então, queria adorar quatro horas. Muitos retornavam da missão de rua e logo saíam. Enquanto contavam essas experiências, riam ao lembrar desse tipo de competição para ver quem era mais capaz de fazer mais sacrifícios, inclusive imitando santos, como, por exemplo, dormir sem travesseiro sob uma pedra, e acordar no outro dia todo “quebrado” por não ter conseguido dormir “direito”.

Os passeios agora não são frequentes, mas ocorrem, e observamos uma ida dos toqueiros a uma casa de veraneio cedida por um dos amigos colaboradores da Toca. Nesse dia, todos começaram os trabalhos mais cedo para poderem sair (com o furgão da própria Toca) e estavam muito entusiasmados com a experiência de passeio que iriam realizar. Observamos que um irmão de outra casa da cidade veio para assumir a casa durante a ausência da comunidade e do guardião.

### **O Pe. Roberto já tinha profetizado**

Na fala de vários irmãos, observa-se, portanto, uma autocrítica em relação a eles próprios e ao movimento como um todo, ao apontar para uma “imaturidade” juvenil, avaliada como um despreparo dos jovens para lidar com as dificuldades e a vivência do sofrimento, como se explicita a seguir:

Mas, na realidade, a Igreja assim, eu vejo o que aconteceu, a gente era tido como religiosos que eram fortes, que queriam dar a vida por Jesus, que queriam entregar a vida por Jesus. Mas a Igreja reconheceu, e eu vejo claramente assim, que nós somos fracos, na primeira fragilidade, no primeiro sofrimento, muita gente pulou fora do barco, entendeu? Mesmo, eu acredito que mostrou muito nossa fragilidade diante do sofrimento e, por sermos jovens, pior ainda, por não termos maturidade em relação ao sofrimento. E isso não é algo que foi falado em relação a isso, porque aconteceu essa situação, o Padre mesmo já nos dizia em muitas pregações

de 2006, de 2007, falando sobre a questão do sofrimento, que a Toca era muito imatura em relação ao sofrimento. Então, Deus dá o sofrimento ‘pra’ nós, mas não sabemos manipular essa situação, então ele (o “Padre”) já tinha nos orientado em relação a isso, já tinha até profetizado que diante de sofrimento muitos iriam embora (Entrevista realizada em 3 fev. 2011).

O trecho acima nos revela também como Pe. Roberto continua a ser a referência, seus discursos são lembrados e possuem força e importância para os que ficaram. A própria crise se legitima por pregações que esse teria feito anos atrás e que agora soam proféticas. Nessa fala observa-se também que o Pe. Roberto possui mais uma das características atribuídas ao líder carismático – a profecia. A leitura do presente esta referida ao passado, “ao reconhecimento” da autoridade do líder carismático (Weber 2010), cujos discípulos mantêm uma fidelidade, embora não esteja no “governo” institucional. Os que ficaram na Toca entendem que muitos a deixaram por não suportar o sofrimento, a dor, como previu “o Padre”. A crise dessa forma reforça também crenças no carisma do líder afastado. Observa-se a estratégia de “reafirmção” citada por Dawson (1999). Dessa forma, os irmãos que permanecem na Toca, mesmo com a saída do “Padre”, não deixam, por isso, de serem fiéis a esse, ou melhor, ao seu discurso passado.

Seguindo a linha de argumento de uma falta de maturidade, o guardião, em reunião com os amigos da Toca (15 de janeiro de 2011) explicitou-nos que havia uma “visão egoísta” do carisma, e ilustra essa posição comentando que havia um sentimento de “posse do pobre” por parte dos toqueiros: “o pobre era meu, nós nos apegamos aos pobres”. Ele apontou que era necessário que os toqueiros trabalhassem com o laicato, em sua expressão: “carisma partilhado com os leigos”. Fundamentou essa importância referindo-se a um dos documentos do Concílio Vaticano II, sobre “Vida Consagrada”. Sublinhou a partir deste livro que os toqueiros e os leigos devem unir os dons, fazer a permuta dos dons, de forma articulada para a missão da Igreja, numa relação de colaboração pastoral.

Os relatos que colhemos sobre as percepções dessas mudanças, portanto, de uma maneira geral, refletem uma autocrítica com base religiosa e um otimismo. Há uma consciência da necessidade de transformações, mesmo havendo resistências, como fora dito (pelo guardião). Alguns membros entrevistados concordam que se faz necessário um tempo para a efetivação e posterior avaliação das mudanças que estão sendo implantadas, como se percebe nos trechos abaixo retirados de entrevistas com dois irmãos:

É tudo como um progresso, é como nós estamos caminhando, nós estamos caminhando para realmente fazermos aquilo que eu falei: unindo aquilo que a Igreja nos pede a sermos submisso, é um progresso. A Toca hoje tem dezessete anos, então assim, uma pessoa de dezessete anos não faz

mais aquilo que ela fazia quando tinha sete, é tudo um progresso, é um caminhar, é um aprender, aprender com os erros e manter aquilo que foi acerto. Eu acertei, então, eu posso manter isso, só que muitas vezes até aquilo que eu acertei, muitas vezes, na frente, eu não posso mais manter, porque eu acertei naquela situação. [...] então é você olhar com esse olhar, com essa ótica, ótica de Deus (entrevista em 30 jan. 2011).

Eu tenho esperanças. Ainda não aconteceu nada. Esperança, ainda também, é muito cedo. Nem uns seis meses que aconteceu todo o Capítulo, são coisas boas, é uma forma maior de se ver o problema. Uma forma de se ter mais opções de soluções, acho que vai ser bom, que não (?) que não intimide. Ela tinha que acontecer, precisava, os pobres precisavam, eles precisam pro bem deles (Entrevista realizada em 3 fev. 2011).

Embora nada tenha sido perguntado sobre o fundador, como pediu o guardião, foi inevitável que se falasse sobre ele e especialmente por sua importância durante todos os anos anteriores da Toca. Pe. Roberto era visto como uma pessoa de muita espiritualidade e fidelidade ao Evangelho, com uma possível superioridade espiritual por sua vivência e compreensão religiosa, mas também uma pessoa que tinha uma relação de proximidade com os membros marcada pela alegria, afeição e demonstração de admiração. Essa afetividade da relação do líder com seus seguidores e emoção presentes nesse contato seriam, segundo Lindholm (1993:203), marca de uma liderança carismática. A relação carismática estabelecida entre a comunidade e o Pe. Roberto produziu uma fisionomia da Toca baseada nas práticas e ensinamentos por ele transmitidos. Ass críticas, explícitas em suas falas ou implícitas em suas práticas (tais como maior cuidado nas celebrações e paramentos litúrgicos, a negação da racionalidade técnica, a opção pelos pobres desvalidos), à hierarquia católica em geral, e todos os relatos de suas dificuldades enfrentadas dentro da instituição, no passado e as recentes, constroem uma narrativa que o identifica como um líder religioso carismático que busca com sua ação renovar a instituição e restabelecer uma fidelidade religiosa primitiva.

Os que comentaram espontaneamente sobre a saída do Pe. Roberto apontaram para a “constatação” da “humanidade” desse líder. Apesar de possuir a força de um profeta que dedicou sua vida ao trabalho missionário, enfrentou problemas porque, devido a seu amor à missão, não reconheceu seus limites humanos, sejam físicos e/ou psicológicos. Para esses entrevistados, o grande respeito e admiração que têm pelo Padre, contudo, não os impediram de vê-lo como um ser humano, um líder, mas não mais um ser superior cujo carisma não pode ser abalado, tal como seria o líder carismático descrito por Weber (2010:172). Podemos observar, em entrevistas de dois irmãos, abaixo citados, o reconhecimento no Pe. Roberto de uma força e um carisma, sem dúvida, mas ao mesmo tempo, de sua humanidade e de seus limites:

Eu acho que foi a forma, o tamanho que tomou o problema, uma situação muito constrangedora diante das pessoas que o amavam ao extremo, de repente você aparece como a bruxa da história, o fausto da questão, o traidor... O problema com o Pe. Roberto, a pessoa dele, a situação que surgiu, que deu toda a confusão, as desorientações que ele estava tendo, os comportamentos né? Isso, isso que era passado para nós (desorientação psicológica). Eu nunca fui próximo do Padre, sempre morei longe. Foi passado para nós, um conjunto de situações que desembocou nesse pânico todo que, de uma certa forma, para muitos, foi uma decepção, muitos saíram pela decepção do homem, tornaram o homem a referência, o homem decepciona, né? Não imaginavam que um dia poderia falhar, que poderia um dia, não ser o mesmo. Então, muitos vieram pelo Padre Roberto, destes chegaram ao Santíssimo Sacramento, chegaram aos pobres, chegaram. Mas que muitos vieram pelo Padre, a presença dele era muito forte. Era uma pessoa de muita presença, uma pessoa, como dizer, desses populistas (ri), desses que arrastam multidões. Então, se assemelhava a isso, uma pessoa carismática, que sabia falar, se expressar, cativar, muito carismático (entrevista em 3 fev. 2011).

O que levou ele a sair, acredito que foi essa questão de esgotamento físico, psicológico e emocional, porque o Padre tinha uma vida muito ativa, muito intensa, ele vive em retiros e retiros. Eu lembro que a agenda dele era cheia de janeiro até dezembro. [...] fora os compromissos que ele tinha com a Fraternidade, de visitar as casas, de conduzir retiro e, ainda, tinha os compromissos fora: a pregação com a Canção Nova, pregação em Cuiabá, em várias regiões, fora do Brasil, entendeu? Então era muito compromisso, sobrecarregou tudo isso nas costas dele. Então, eu acredito que aí veio toda essa realidade: de estafa, de esgotamento físico, psicológico que acarretou nessa situação, tudo isso. Porque era surreal, você olha para ele assim, falava: “Nossa, está sobre a graça de Deus”. Mas ele tem a sua humanidade também, tem a graça de Deus, mas tem sua humanidade, como homem tem o seu cansaço, precisa descansar, precisa estar a sós, estar com Ele (Entrevista realizada em 3 fev. 2011).

A análise das falas acima explicita a fidelidade a um líder querido sim, mas não mais exercendo sobre esses entrevistados um poder carismático, no sentido clássico já mencionado. Há um reconhecimento do seu poder e de seu carisma: “era uma pessoa muito forte”, “uma pessoa de muita presença”, que “arrastava multidões”, mas humana.

Em uma de nossas visitas à casa pesquisada, um dos irmãos nos mostrou uma fotografia do tempo do noviciado (formação e recolhimento por um ano para o primeiro compromisso, dos sete que se seguirão), com grupo daquela época. Perguntamos pelos

demais toqueiros, dos mais de 20 jovens que estavam na foto que havia conhecido (nos anos de 2005-2006), apenas três haviam permanecido; até mesmo o guardião à época também saía. Este fato nos colocou de imediato à questão: quais as razões da permanência daqueles jovens, se tantos outros saíram? Eles formavam uma minoria que resolveu permanecer.

### A importância de rituais e coesão do grupo

Um dos motivos de permanência dos membros, bastante sublinhado nas entrevistas, diz respeito à relação com o sagrado, com o transcendente o Santíssimo Sacramento (também um dos motivos alegados para adesão). A experiência do ritual de adoração produz uma emoção de estar com o próprio Jesus, e seria o motivo declarado para continuar na Toca de Assis, como podemos observar no depoimento que citamos abaixo. O entrevistado comenta que também passou em sua cabeça a ideia de sair da Toca e afirma:

Só que como eu falei ... (pausa) A certeza da minha vocação, a certeza da minha vocação como eu 'tava' te falando, da identidade do carisma do Filho da Pobreza do Santíssimo Sacramento vivo e real na minha vida, sinais desse carisma na minha vida, entendeu? Falar assim, estar com Jesus, adorar, eu acho assim, algo que passa do nosso entendimento porque é um ato de fé, é um ato de amor, é olhar dentro do Santíssimo Sacramento e *crer que é Jesus, ele não está no Santíssimo Sacramento, ele é o Santíssimo Sacramento*. O Padre Roberto ensinava muito isso: ele é o Santíssimo Sacramento, ele não está no Santíssimo Sacramento, Jesus é o Santíssimo Sacramento, Ele é, Ele é (Grifo nosso. Entrevista realizada em 30 jan. 2011).

A mesma dimensão do sagrado, que seduz, encontra-se na fala abaixo de um irmão que possui uma visão social diferenciada do grupo quanto ao trabalho com os pobres, para ele essa dimensão torna-se "fundamental". Segue sua fala:

Isso que me faz permanecer muito. E o trabalho com o pobre, é lindo, mas o Santíssimo Sacramento é mais forte. É por causa Dele que vamos ao pobre. Mas o Santíssimo Sacramento é mais forte, para permanecer, é mais forte. Porque o trabalho social, o trabalho com os pobres tem muitos trabalhos bons, porque eu conheço. Mas a questão na Toca é forte o modo de vida também, a simplicidade, o desapego, o tornar pobre com o pobre, isso também, é lindo, é forte. Mas o Santíssimo Sacramento é fundamental (Entrevista realizada em 3 fev. 2011).

Observamos no relato acima, que o estilo de vida, caracterizado pelo desapego, pela simplicidade, de ser pobre entre os pobres, é outro motivo apontado para se continuar fiel à proposta da Toca, especialmente pelo confronto de seus valores com os da sociedade de consumo. Para Portella (2008, 2009a), esse confronto é um dos principais motivos de adesão de jovens à Fraternidade, que a caracteriza como um grupo contracultural, possibilitando uma experiência de desvio e ruptura pela via da renúncia e contestação. As experiências de desvio e ruptura podem gerar um sentimento forte de pertencimento, característico de minorias, ou seja, “uma minoria que rompe com a sociedade mais ampla procurando distinguir-se, criando certo sentimento de superioridade, pois possui laços de solidariedade interno extremamente sólidos” (Mariz 2005:267).

### Considerações Finais

O impacto da saída do Pe. Roberto em 2009 gerou uma crise institucional na Toca de Assis que resultou na saída de mais da metade dos seus membros. Também com a saída do líder fundador, um conjunto de mudanças nas práticas cotidianas do grupo, bem como no processo de formação dos membros e dos novos ingressos, foram implementadas. Este artigo buscou analisar os sentidos atribuídos a essas mudanças e à “crise” por aqueles que permaneceram como “toqueiros” em uma das casas masculinas do Rio de Janeiro. Os sentidos atribuídos à “crise” também dão sentido à decisão deles de permanecerem no movimento. A análise dos discursos dos entrevistados aponta para a presença de vários elementos que Lorne Dawson identifica como centrais na construção de ideologias que explicam crises sem questionar a fé no projeto inicial do grupo.

Observa-se que os discursos se organizam em torno da ideia de que se muda para crescer, sobreviver e poder realizar a missão para a qual se foi chamado. Encontramos, portanto, nas falas e sentidos atribuídos pelos toqueiros às consequências da crise, o que foi identificado como racionalização para a resolução da “dissonância cognitiva”. A referência à necessidade de maior “maturidade”, que se expressa na capacidade de se avaliar corretamente com humildade, e não fazer além do que se poder suportar, perpassa a fala de muitos. Essa ideia também é utilizada pelos entrevistados para analisar o processo de maturação de cada um. Pode-se extrair dessas falas que a radicalidade juvenil, bem como a efervescência do carisma, não conseguem sobreviver por longo tempo. No entanto, se declara nas entrevistas se acreditar que a experiência da Toca tenha deixado nos jovens que a abandonaram marcas fortes e positivas. Para se tornar maduro é necessário reconhecer seus erros e passar por “purificação” gerada por sofrimentos. Identificar erros humanos e valorizar a purificação também foram estratégias identificadas em outros estudos por Dawson (1999). Além disso, a crise que a Toca vivencia é percebida como “vontade divina”.

A crença na Providência Divina, elemento fortemente presente e marcante na Toca desde sua fundação, produz um sentimento de segurança que fica claro na fala dos entrevistados. Um deles, em entrevista já citada, afirma que todos estão resguardados sob o “olhar de Deus ao nosso favor”. Todas as dificuldades, limites, enfim, qualquer evento é reinterpretado como parte de um plano misterioso de Deus, como parte de Sua Providência. Nessas entrevistas também ficou evidente um sentimento positivo com relação à Igreja católica, percebida como fonte de segurança e verdade da qual não se duvida. Essa visão positiva da Igreja Católica, atrelada ao reconhecimento de seu “carisma institucional”, já seria constitutiva da Toca desde o seu início, estando sempre presente nos discursos de seu líder e fundador, que tinha muito apreço pelos sacramentos, liturgias, santos e dogmas católicos.

Notou-se forte vinculação com o Pe. Roberto por parte dos entrevistados. Portanto, ainda que em nossas entrevistas nada tivéssemos perguntado sobre sua saída e as circunstâncias que a ocasionaram, referências ao “Padre” foram feitas espontaneamente. Foi lembrado que ele previu o sofrimento pelo qual a Toca passou e o despreparo da grande maioria dos toqueiros para lidar com essa dor. Esse despreparo teria sido o que levou tantos a saírem. Dessa forma, se registra que – e não podia ser de outra maneira devido a seu papel central no movimento – o Pe. Roberto se faz presente nas narrativas e memórias dos entrevistados. Embora se veja a humanidade desse líder, se reconhece sua importância e seu valor. Observa-se, então, que os entrevistados aceitam as mudanças recorrendo a ideia de fidelidade e permanência. Com efeito, há práticas da Toca que existem desde o tempo do “Padre” que permanecem e são reforçadas, embora menos fisicamente exigentes. Um exemplo, dentre essas, é a ênfase nas expressões litúrgicas (adoração diária e reverência ao sagrado) e também nas práticas missionárias ou de evangelização. A presença de rituais também é destacada por Dawson como elemento de fundamental importância para manutenção do grupo. Estaríamos, ao identificar nos discursos dos toqueiros remanescentes e na prática de hierarquia católica, vários elementos apontados por outros pesquisadores, resumidos pelo trabalho de Dawson (1999), importantes para manter um grupo vivo, sugerindo que irá permanecer e durar por muito tempo? Não, nosso artigo não tem essa pretensão. Consideramos que muitos outros elementos podem, no contexto brasileiro contemporâneo, afetar a Toca. Se ela sobrevive como mais uma ordem tradicional sem sua força contracultural, sem seu líder carismático ou sua dimensão mais flexível, sem sua positivação da experiência temporária, continuaria ainda com seu apelo especial? Seria ela ainda a mesma Toca? Por outro lado, há problemas legais com seu projeto de trabalho social que tem se confrontado com um conjunto de legislação estatal que cada vez exige profissionalização para esses serviços. Não ousamos falar sobre o futuro. Apenas apontamos que, sociologicamente, há todos os elementos para que seja um grupo que, tais como vários outros de passado mais antigo ou recente<sup>30</sup>, permaneça.

## Referências Bibliográficas

- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. (1978), *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2005), *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2ª ed.
- CARRANZA, Brenda (2000), *Renovação Carismática: Origens, Mudanças, Tendências*. Aparecida: Editora Santuário.
- \_\_\_\_\_; MARIZ, Cecília & CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). (2009), *Novas Comunidades Católicas: Em Busca do Espaço Moderno*. Aparecida: Ideias & Letras.
- CONSORTE, Josildeth Gomes & NEGRÃO, Lísias Nogueira. (1984), *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH-USP/CER.
- DAWSON, Lorne. (1999), "When Prophecy Fails and Faith Persists: A Theoretical Overview". *Nova Religio*, nº 3: 60-82.
- FERNANDES, Silvia R. A. (2011), "Entre tensões e escolhas: um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa", *Revista Sociedade e Estado*, n.º 26: 663-683.
- FESTINGER, Leon; RIECKEN, Henry W & SCHACHTER, Stanley. (2008), *When Prophecy Fails*. London: Print & Martin.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. (2008), *O Peregrino e o Convertido: A Religião em Movimento*. Petrópolis: Vozes.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. (1991), *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- LINDHOLM, Charles. (1993), *Carisma: Êxtase e Perda de Identidade na Veneração ao Líder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LOPES, Paulo Victor Leite. (2006), "O modelo dos 'virtuosos religiosos' no Movimento de Renovação Carismática Católica: os membros da Fraternidade Toca de Assis". *Revista Três [...] Pontos*, v. 2: 7-12.
- MACHADO, Maria das Dores Campos & MARIZ, Cecília L. (2007), "Religião, trabalho voluntário e gênero". *Interseções*, v. 9: 309-326.
- MARIZ, Cecília L. (2005a), "Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião". *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, v. 17, n. 2: 253-274.
- \_\_\_\_\_. (2006), "Comunidades de Vida no Espírito Santo: um novo modelo de família?" In: L. F. D. Duarte et al. (Org.). *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- \_\_\_\_\_. & LOPES, Paulo V. (2009), "O reavivamento católico no Brasil e o caso da Toca de Assis". In: F. Teixeira & R. Menezes. *Catolicismo Plural: Dinâmicas Contemporâneas*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. & MELO, Gláucia B. (2007), "Insatisfações com a família e sociedades contemporâneas: uma comparação entre comunidades católicas e New Age". *Estudos de Sociologia*, v. 13: 49-75.
- MARIZ, Cecília L. (2013), "Instituições tradicionais e movimentos emergentes". In: J. D. Passos & F. Usarski (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus.
- MEDEIROS, Kátia Maria Cabral. (2006), *A vivência de um mito na religiosidade contemporânea: a Toca de Assis*. Rio de Janeiro: Monografia de Especialização em Psicoterapia Junguiana e Imaginário, PUC-RJ.
- \_\_\_\_\_. (2012), *Juventude e Religião: significado da adesão e vivência religiosa na comunidade católica Toca de Assis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, UFRJ.
- PINTO, Flávia Slompo. (2012), *A loucura da cruz: sobre corpos e palavra na Toca de Assis*. Campinas: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Unicamp.
- PORTELLA, Rodrigo. (2008), "Toca de Assis e juventude: uma surpreendente identidade católica contemporânea". *Caminhos*, v. 5, n. 1: 179-199.
- \_\_\_\_\_. (2009a), *Em busca do Dossel Sagrado: A Toca de Assis e as Novas Sensibilidades Religiosas*. Juiz de Fora: Tese de Doutorado em Ciências da Religião, UFJF.
- \_\_\_\_\_. (2009b), "Medievais e Pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis". In: B. Carranza; C. Mariz e M. Camurça (Org.). *Novas Comunidades Católicas: Em*

*Busca do Espaço Moderno*. Aparecida: Ideias & Letras.

\_\_\_\_\_. (2012), “Estética, emoção e o lúdico na Toca de Assis”. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, v. 15, n. 1: 11-32.

SÉGUY, Jean. (1999), *Conflit ou Utopie ou Réformer l'Église*. Paris: Les Éditions du CERF.

WEBER, Max. (1991), *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 5ª ed.

\_\_\_\_\_. (2010), *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 5ª ed.

## Notas

- <sup>1</sup> Esse texto é um dos produtos de projeto mais amplo apoiado pelo CNPq e também da tese de doutoramento de Katia Medeiros (2012) sob orientação de Simone Ouvinha Peres (UFRJ) e coorientação de Cecília Mariz (UERJ).
- <sup>2</sup> É um estilo tradicional de corte de cabelo usado por frades católicos no passado que deixa apenas uma auréola de cabelos em torno da cabeça.
- <sup>3</sup> Aos membros consagrados da Fraternidade Toca de Assis, estaremos nos referindo como “toqueiros”, “religiosos”, “irmãos” ou “membros da comunidade religiosa”.
- <sup>4</sup> Estaremos nos referindo à Fraternidade Toca de Assis, ora como Toca de Assis ou simplesmente como Toca, como seus membros costumam chamá-la.
- <sup>5</sup> A Toca tem a prática tradicional de mudança de nome por parte do leigo que se consagra e ingressa na vida religiosa.
- <sup>6</sup> Geralmente, nas ordens religiosas católicas, é possível se afastar por um ano de suas obrigações para descansar, viajar, estudar, usufruir como queira. Esse ano é chamado de “sabático”.
- <sup>7</sup> D. Bruno era o bispo de Campinas, berço da Toca de Assis, falecido em setembro de 2011.
- <sup>8</sup> Nossas pesquisas anteriores foram realizadas em 2003-2004 e 2006.
- <sup>9</sup> O “guardião” é uma terminologia tradicional franciscana para se referir ao responsável pela comunidade que tem a função de coordenação de sua dinâmica, além de ser a autoridade primeira. Essa declaração ocorreu em conversa informal com o guardião da casa pesquisada.
- <sup>10</sup> Como mostram Weber (1991) e outros autores que estudam a liderança carismática (Lindholm 1993), embora essa tenha muito poder, tende a ser uma liderança transitória: dura no máximo o tempo da vida do líder. Por outro lado, por ser uma liderança centralizadora e totalitária, tende a fomentar com o tempo oposições dentro do próprio séquito de seguidores.
- <sup>11</sup> Com o ato de consagração os membros se tornam religiosos e precisam consagrar-se a cada ano por sete anos, quando, então no sétimo ano, é feita a consagração definitiva.
- <sup>12</sup> Naquele domingo, as ruas da cidade do Rio de Janeiro encontravam-se vazias, pois o clima era de medo e insegurança que abateu a população pelas situações advindas de uma semana na qual as forças de segurança do estado entraram em dois grandes complexos de comunidades no subúrbio da cidade e, em vários bairros, ocorreram episódios de queima de carros, ônibus e vans.
- <sup>13</sup> Esta casa foi a primeira na cidade do Rio de Janeiro na qual a Toca se instalou, em janeiro de 2001, sendo considerada uma casa importante, por ser a primeira referência, pelo grande número de religiosos, mais de 30, e pelo número de assistidos que, nos anos iniciais, chegou a quase cem, segundo informações dos religiosos.
- <sup>14</sup> Festinger et al. (2008) está preocupado com sujeitos que diante de experiências que deveriam fazê-los questionar sua fé, tornam-se, pelo contrário, mais convictos dela. Evidentemente a maioria se afasta do profeta e desacredita da profecia. No Brasil, há o estudo antropológico já clássico sobre os chamados “Borboletas Azuis de Campina Grande”, sobre profecia que falhou (Consorte & Negrão 1984).
- <sup>15</sup> Segundo Laplanche e Pontalis (1991:423) racionalização é “um processo pelo qual o sujeito procura apresentar uma explicação coerente do ponto de vista lógico, ou aceitável do ponto de vista moral, para

- uma atitude, uma ação, uma ideia, um sentimento, etc., cujos motivos verdadeiros não percebe [...]”.
- <sup>16</sup> O leitor pode encontrar mais detalhes e informações nos trabalhos de Portella (2008; 2009a), Medeiros (2006; 2012) e Pinto (2012).
- <sup>17</sup> De acordo com a própria definição, ainda incluem os pobres e os sacerdotes, segundo as informações colhidas no site: “A *Toca* é uma família na qual reúne os religiosos e que formam dois institutos de vida consagrada. São eles: Os Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento e as Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento. A *Toca* é formada, também, por leigos. São pessoas que se identificam com o nosso carisma, auxiliam em nossas missões e vivem no dia a dia a nossa espiritualidade. Temos, ainda, alguns sacerdotes que, como parte deste carisma, comungam de nossa vivência. E, por fim, temos a parte fundamental dessa família, que são os pobres acolhidos em nossas casas” (grifos do original no site). Link: <http://tocadeassis.org.br/quem-somos> – acesso em 05/06/2013.
- <sup>18</sup> Com ênfase na distinção entre os núcleos masculino e feminino, nota-se grande similaridade também com as três ordens franciscanas: ordem primeira (núcleo masculino), segunda (núcleo feminino) e a ordem terceira (os que vivem no “mundo”).
- <sup>19</sup> Em caso de cuidado hospitalar, esses são encaminhados aos hospitais ou postos médicos da rede oficial de saúde, segundo relatam.
- <sup>20</sup> Além da informação de que o Pe. Roberto levou mais tempo do que o comum para ser ordenado (13 anos ao invés de 7 anos), os relatos sobre sua vida como seminarista descrevem, por exemplo, que ele saía do seminário, sem autorização, para fazer o trabalho pastoral de rua. Dados recolhidos no site entre 2005/2006.
- <sup>21</sup> Pe. Roberto Lettieri nasceu em 1964, e era do bairro da Moca na cidade de São Paulo. Outros dados sobre a história de Padre Roberto Lettieri podem ser encontrados em Carranza (2000).
- <sup>22</sup> Fala proferida em reunião com os amigos e voluntários da Toca, na qual participamos (15 de janeiro de 2011).
- <sup>23</sup> Em pesquisas anteriores se comentava que era comum que muitos saíssem, pois a vida era dura demais e não era para todos ficar lá toda a vida. Em 2009 foi postado em site franciscano o depoimento de jovem que experimentou a Toca e que considerava positiva a experimentação. O depoimento muito positivamente avaliado pelos leitores se intitulava “transitoriedade da Toca”. Link: <http://neofranciscanos.wordpress.com/2009/11/20/transitoriedade-da-toca-de-assis/> – acesso em 24/10/13.
- <sup>24</sup> No site oficial da Toca – [www.tocadeassis.org.br](http://www.tocadeassis.org.br) – encontra-se um link denominado *vocacional*, ao acessá-lo entra-se na página “Acompanhamento Vocacional – Toca de Assis”, onde se encontra um texto sobre vocação (extraído do *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*) e abaixo um convite para entrar na Fraternidade: “Seja um(a) Filho(a) da Pobreza do Santíssimo Sacramento. Entre em contato conosco e saiba mais sobre nossa vida, carisma e missão”. Logo em seguida ao convite dois links: cadastro vocacional das irmãs e cadastro vocacional dos irmãos. Acessando o cadastro encontramos uma ficha a ser preenchida com as seguintes informações: nome, data de nascimento, RG, CPF, endereço, cidade, estado, CEP, telefone (dois campos), celular, e-mail e orkut (o modelo de cadastro é o mesmo seja para os irmãos e/ou irmãs).
- <sup>25</sup> Depois do noviciado, ou seja, na primeira consagração os jovens fazem os votos de pobreza, castidade e obediência e consagra o novo nome que será então sua identidade religiosa, ou seja, um novo nome, ‘um novo nascimento’.
- <sup>26</sup> Folha Online, 30/05/2007. Link: <http://www1.folha.uol.com.br/fofolha/brasil/ult96u300667.shtml> – acesso em 01/04/11.
- <sup>27</sup> Todas as falas do guardião da casa as quais fazemos referência foram colhidas em conversas informais em janeiro e também em uma reunião com amigos e voluntários realizada no dia 15 de janeiro de 2011.
- <sup>28</sup> Como já mencionado os dados 2010-2011 desse artigo fazem parte da pesquisa de campo no âmbito da tese de doutorado de Kátia Medeiros (2012).
- <sup>29</sup> Conversa informal em 2011 com o guardião da casa pesquisada.
- <sup>30</sup> Dentro da Igreja católica, grupos relativamente recentes, cujos fundadores foram afastadas por pro-

blemas sérios de delitos criminosos comprovados, continuam existindo e atuantes, como são os casos dos Legionários de Cristo no México e a nova comunidade carismática Béatitudes na França. A Igreja católica foi criticada pela mídia por evitar dar informações e demorar para aceitar denúncias feitas a esses líderes fundadores.

Recebido em agosto de 2013.  
Aprovado em outubro de 2013.

**Katia Maria Cabral Medeiros** (katmedeiros@ibest.com.br)

Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhou no Instituto de Estudo da Religião (ISER) de 1990-1994 e foi pesquisadora do Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social (CERIS) de 1994-2006. Atualmente é professora docente da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Tem experiência em pesquisas nas áreas da religião, juventude, educação, com ênfase no catolicismo e pentecostalismo.

**Cecília Loreto Mariz** (ceciliamariz@globo.com)

Professora de Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora pela Universidade de Boston (1989), pós-doutora pela EHESS/Paris (2000) e pesquisadora do CNPq. Tem publicado artigos e livros sobre religião, especialmente pentecostalismo e catolicismo no Brasil.

**Resumo:**

---

**Toca de Assis em crise: uma análise dos discursos dos que permaneceram na comunidade**

Fundada em 1994 em Campinas, a “Toca de Assis” se destacava como grupo católico que atraía jovens para uma vida de pobreza radical, consagrada à adoração do Santíssimo Sacramento e ao cuidado com a população de rua. Em 2009, o líder-fundador, Pe. Roberto Lettieri, é afastado e uma crise se instala com a saída da maioria dos membros. Realizado em 2010-11 numa casa masculina, esse estudo analisa os discursos dos membros remanescentes buscando identificar os sentidos atribuídos à referida crise. Valorizando a Igreja Católica, os entrevistados confiam nas decisões de sua hierarquia e acionam os conceitos de “maturidade”, “humildade”, “Providência Divina” e “purificação” para dar coerência às mudanças identificando nelas continuidade a proposta inicial do próprio fundador.

**Palavras-chaves:** catolicismo, novos movimentos religiosos, religião e juventude.

**Abstract:**

---

**Toca de Assis in crisis: an analysis of the speeches by those who remain in the community**

Founded in 1994 in Campinas, the “Toca de Assis” called attention because of its ability to attract the youth for a life of radical poverty devoted to the adoration of the Blessed Sacrament and the caring of the homeless. In 2009, the removal of its leader/founder provoked a crisis and a huge amount of members left the group. Carried out in 2010/11 in a male house, this study focuses on the remaining members’ speeches, and seeks to identify meanings endowed to the referred crisis. Valuing the Catholic Church, and trusting its hierarchy, the interviewees adopt the concepts of “maturity”, “humbleness”, “Divine Providence” and “purification” to give coherent interpretations to these changes identifying them with the founders’ initial proposal.

**Keywords:** Catholicism, new religious movements, religion and youth.